

A ARTE DE TRABALHAR COM A EDUCAÇÃO

Ana Paula S. de Oliveira¹; Roniere Santos Fenner²

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde - Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, ¹apsantel@hotmail.com

²Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde - Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, ²roniere.fenner@ufrgs.br

Introdução

A escolha por trabalhar com o referencial Freiriano e autores afins (GADOTTI, BRANDÃO 2001), vai além de uma simples opção como pesquisadora investigativa, está alicerçada na profundidade na qual os seus escritos ainda ressonam na educação deste século XXI. Por exemplo, entre outras questões é o caso da concepção bancária de educação, criticada por Paulo Freire desde os anos 60 e que ainda permeia nas práticas em nossas Instituições Educativas, o que justifica a presença de Freire quanto educador, a despeito das críticas que o tratam como referencial ultrapassado no campo educacional, porém muito lembrado nas entrevistas ocorridas nas escolas do presente trabalho realizado. Não seria possível falar na arte de trabalhar com o ensino, sem antes aprofundar um pouco sobre a educação. Freire (1996) acreditava numa educação mais igualitária, emancipatória e principalmente humana.

A ideia seria sonhar com uma educação que todos pudessem ter chances de pensar criticamente, defender suas opiniões e ideias, através de suas crenças acabou recebendo grandes críticas, por meio de uma educação onde o diálogo fosse à força da educação, poderia ser utópico, porém ainda vivemos em tempos onde educar é uma tarefa difícil para muitos profissionais, devido a fragmentação de conteúdos e metodologias de ensino autoritários (Freire, p.23). A educação não baseia-se somente aos problemas de sala de aula, sua necessária dimensão ético-política precisa contribuir para os problemas hoje tão graves, que dizem respeito à própria sobrevivência da humanidade e do planeta como um todo. Quando Paulo Freire escreveu em sua “Terceira carta pedagógica: Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade não muda.” (Freire, 2000, p.67). Percebe-se que as escritas do autor é como se estivéssemos revivendo algo semelhante nos tempos atuais, onde a educação precisa buscar maneiras de conquistar novamente o respeito e confiança do cidadão brasileiro.

Metodologia

A metodologia utilizada para a realização do estudo, foi bibliográfica documental, exclusiva de livros de Paulo Freire e autores afins que possuem uma linha de pensamento semelhante. Esse estudo está delineado numa dissertação de mestrado onde a pesquisadora se aprofunda em temas relevantes para a educação.

A Arte de trabalhar com a Educação Brasileira

Nos diálogos de Freire (2002) percebe-se as exigências necessárias para educar, visando a importância que se tem numa educação que se almeja, sendo assim:

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que o professores e alunos, juntos podem aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir os obstáculos à nossa alegria [...] A esperança faz parte da natureza humana. Seria uma contradição se, inacabado e

consciente do inacabamento, primeiro, o ser humano não se inscrevesse ou não se achasse predisposto a participar de um movimento constante de busca e, segundo se buscasse sem esperança (Freire, 2002, p.80).

Esta esperança tão citada em suas obras, remete a intenção de não desistirmos da educação, acreditar que através dela se construa a conexão entre escola-professor-aluno possa existir e germinar para uma educação renovadora onde exista diálogo e a crença na natureza humana. E através deste diálogo acredita-se que um dos pilares importantes para a síntese da teoria Freiriana, onde o **professor – aluno** estão em conexão é a seguinte:

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende a ensinar e quem aprende ensina a aprender. [...] Ensinar inexiste sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar (Freire, 2002 a, p. 25 e 26).

Não há como pesquisar uma escola pública e não ouvir dos profissionais os diálogos relacionados a Freire, sempre acreditando numa forma mais humana, qualificada e interdisciplinar de ensinar pela busca de transformar a educação de qualidade e ética. Este lutou pela libertação dos oprimidos, principalmente no contexto latino-americano, em sociedades classistas e excludentes. Seu trabalho por uma educação como prática da liberdade, entre outras questões, valorizou o potencial da transformação social associado à educação, apoiado na problematização sobre o mundo vivido dos sujeitos. Devido a suas lutas, Freire afirma:

“Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise de falar a ele.” (Paulo Freire em Pedagogia da Autonomia p.128).

A percepção da escuta e da forma de dialogar entre **professor/aluno**, é significativo na e relevante para um ensino, onde todos possam aprender em comunhão e contribuir criticamente e respeitosamente com suas ideias. Quando o assunto é Educação, percebe-se que existem várias linhas de pensamento, crenças, ideais, mas a intenção não é ter razão ou defender apenas o que se acredita ser certo, e sim delinear um caminho a qual através de leituras, pode-se identificar o que as Escolas Públicas trabalham e buscam. Estamos no século XXI onde existem diversos avanços como escritas e pensadores que através de suas ideias tentam melhorar e alinhar a Educação presente no Brasil. A base para uma Educação sólida e igualitária, está no diálogo e a busca constante através da **escola/professor/aluno** alinhando e tentando fazer um ensino de qualidade. (Gadotti, 2001, p.14).

Segundo Brandão (2001), “ninguém escapa da Educação. Em casa, na rua, na igreja, ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender e ensinar”. A extensão dos lares hoje em dia são as escolas, e nelas os profissionais da educação, buscam aprender com a cultura e modo de vida de seus alunos, para facilitar a forma de ministrar e desenvolverem suas aulas. Mas nem sempre é assim, como evidencia Brandão, no momento em que,

A sociedade inventa a posse e o poder que separa os homens entre categorias de sujeitos socialmente desiguais [...] A posse e o poder dividem também o saber entre os que sabem e os que não sabem. Dividem o trabalho de ensinar tipos de saber a tipos de sujeito e criam, para o seu uso, categorias de trabalhadores do saber e do ensino (2001, p.102).

Esta desigualdade está refletida nas salas de aula, com o baixo índice de aprendizagem e a desmotivação dos alunos em frequentar as escolas e a própria sociedade acaba excluindo os que sabem e os que não sabem, e para isso, Brandão (2001, p.24) dá o sentido de “modelar a criança, para conduzi-la a ser o modelo social de adolescente, ao adolescente, para torná-lo mais adiante um jovem, e depois um adulto.” A arte de educar, baseia-se em mediar o ensino a estes alunos e deixar que eles mesmos sigam seus caminhos de uma forma natural, a qual a educação estará inserida conforme o seu aprendizado. Somos frutos de uma educação que vem numa crescente modificação durante anos. As ideias de Brandão nos remetem a importância da educação através da igualdade social, sua linha de pensamento busca compreender e demonstrar através de suas escritas que vivemos numa situação educacional, onde o pensamento do educador não raro esquece-se de ver a educação no seu contexto cotidiano, ou seja, trabalhar com seus alunos a partir da suas vivências, realidades, no interior de suas moradas, que é a *cultura*. Constata-se que:

A educação, é como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos o que ensinam-e-aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos dos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo e a de cada um de seus sujeitos, através de trocas sem fim com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita, e desde onde ajuda explicar, de geração em geração a necessidade da existência de sua ordem (Brandão, 2001, p.11).

Percebe-se a importância da troca de experiência entre os homens onde a educação habita e nela contribui para a formação social e intelectual. Com isso, o modo de vida que cada cidadão através de seus hábitos, crenças refletem na forma como é trabalhada a educação dentro das escolas, e a importância de compreender, respeitar a cultura de cada indivíduo. As escolas são multiculturais, constituídas por uma diversidade de alunos, com isso, projetos culturais deveriam estar presentes nestas escolas, até para valorizar valores e culturas destes alunos que habitam estas escolas.

Outra forma de educação para Brandão (2001, p. 27) é a questão da “*educação popular*” alguns educadores e cientistas sociais, referem-se a esta educação como um “*saber da comunidade*”, imersas ou não em outras práticas sociais, através dos quais o saber das *classes populares* ou das *comunidades sem classes* é transferido entre grupos ou pessoas, onde ocorre assim a sua “*educação popular*”. Ao contrário disso, a educação popular tende a aparecer, primeiro como alguma modalidade agenciada e profissional de extensão dos serviços da escola a diferentes categorias dos sujeitos dos setores populares da sociedade, ou então, denomina os tempos de lutas dentre políticos e intelectuais para que uma tal educação escolar seja de algum modo estendida ao povo.

Outro tipo de educação, que prima pela qualidade, desenvolvimento integral do indivíduo, principalmente das classes populares, seria a ***educação integral***,

A educação integral não pode se constituir num *projeto especial* e integral, mas numa política pública para todos, entendendo-a como um princípio orientador do projeto eco-político-pedagógico de todas as escolas, o que implica conectividade, intersetorialidade, intertransculturalidade, intertransdisciplinaridade, conectividade, sustentabilidade e informalidade. Enfim, educação integral é uma concepção geral da educação, que não se confunde com o horário integral ou a jornada integral (Instituto Paulo Freire, 2010, p.11).

As perdas no campo da educação popular foram significativas e impactantes. A constituição de 1988, a LDB¹o FUNDEB², as metas do Plano Nacional de Educação –instiga a pensar nos processos de retrocessos que vivemos nos dias atuais, onde uma crescente corrente conservadora, vem impondo uma mentalidade limitada, cujas referências atendem um projeto de sociedade pautados na intolerância e nas necessidades do capital e do mercado, negando de forma veemente o processo de conscientização histórica e a própria história das ideias pedagógicas que herdamos da antiguidade, a partir de filósofos com Sócrates e Platão.

Alinhar uma educação justa e igualitária envolve uma reflexão crítica, respeitosa, transformadora e não opressora e desigual (Freire, 1983, p.35). A educação brasileira ainda predomina uma *educação tradicional*, de cunho funcionalista. Esta educação sufoca, reprime ainda os alunos uma vez que impõe o saber que contém dentro dela elementos que legitimam a educação. A Arte de fazer uma educação, onde o ensino seja levado para as escolas de forma “autônoma” dentro do contexto escolar, requer muito trabalho e desenvolvimento de projetos, onde a escola seja a morada dos profissionais que levam o ensino a todo tipo de criança/jovem/adulto.

O Ensino Tradicional fundamentou-se na filosofia da essência de Rousseau, passando à pedagogia da essência (Saviani,1991). Esta pedagogia acredita na igualdade essencial entre os homens: de serem livres, e essa igualdade servirá de respaldo no surgimento dos sistemas nacionais de ensino, que foram fundamentais para proporcionar a escolarização para todos:

Esse ensino tradicional que ainda predomina hoje nas escolas se constituiu após a revolução industrial e se implantou nos chamados sistemas nacionais de ensino, configurando amplas redes oficiais, criadas a partir de meados do século passado, no momento em que, consolidado o poder burguês, aciona-se a escola redentora da humanidade, universal, gratuita e obrigatória como um instrumento de consolidação o da ordem democrática (Saviani, 1991. p.54)

A educação avançou em alguns aspectos, e um deles, como referenciou o autor foi a conquista da escolarização para todos, porém ainda o caminho da conquista de um ensino público de qualidade é longo, devido as políticas públicas interferirem nas leis que regem os documentos oficiais dentro da educação brasileira, tornando-as inconstantes. Moacir Gadotti em *Histórias das ideias pedagógicas (1995)*, nos remete a época da escola como instituição de ensino, bem como a inspiração filosófica em que foi baseada:

Nunca se havia discutido tanto a formação do cidadão como durante os seis anos de vida da Revolução Francesa. A escola pública é filha dessa revolução burguesa. Os grandes teóricos iluministas pregavam uma educação cívica e patriótica inspirada nos princípios da democracia, uma educação laica, gratuitamente oferecida pelo Estado para todos. Tem início com ela a ideia da unificação do ensino público em todos os graus. Mas ainda era elitista: só os mais capazes podiam prosseguir até a universidade (Gadotti, 1995. p.88).

Quanto ao surgimento dos sistemas nacionais de ensino, que foi marco importante na história da educação, Gadotti (1995) segue um pensamento semelhante ao de Saviani (1991):

¹ LDB: *Lei das Diretrizes e Bases da Educação*

² FUNDEB: *Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação – Fundeb é um fundo especial, de natureza contábil e de âmbito estadual (um fundo por estado e Distrito Federal, num total de vinte e sete fundos), formado, na quase totalidade, por recursos provenientes dos impostos e transferências dos estados, Distrito Federal e municípios, vinculados à educação por força do disposto no art. 212 da Constituição Federal.*

O iluminismo educacional representou o fundamento da pedagogia burguesa, que até hoje insiste, predominantemente na transmissão de conteúdos e na formação social individualista. A burguesia percebeu a necessidade de oferecer instrução, mínima, para a massa trabalhadora. Por isso, a educação se dirigiu para a formação do cidadão disciplinado. O surgimento dos sistemas nacionais de educação, no século XIX é o resultado e a expressão que a burguesia, como classe ascendente, emprestou à educação (Gadotti, 1995. p.90).

Em grande parte do Ocidente, não podemos desconsiderar que boa parte das escolas ocorreu a Universalização. Não se sabe por quanto tempo ainda haverá uma educação para os pobres e outra para os ricos, mas através das leis e normas estabelecidas nos documentos oficiais que regem a educação, desde a Constituição de 1988 se estabelece na atualidade uma maior homogenia. Os vies da educação caminham em busca de denominadores comuns: **melhorias e qualidades**. A necessidade de ter o “sonho” de construir uma educação cidadã mais justa e igualitária, é alvo de muitas críticas, elogios dicotomias que perpassam muitas décadas. O ensino da rede pública perpassa problemas há muitos anos, com propostas, estratégias, projetos novos onde muitas vezes nada sai do papel, falta de vontade? Descrença? Medos? São esses e vários questionamentos que muitos profissionais dentro das escolas se questionam junto dos gestores, pois quando o assunto é **educação**, palavras lindas são proferidas, escritas, idealizadas, mas e o real do dia-a-dia destes profissionais será mesmo que estão felizes onde e como estão trabalhando?

Sonhar numa forma ideal de fazer educação através de criações de alternativas pedagógicas, é algo a qual se sonha, se busca, se idealiza. Imaginar uma criança, um jovem, ampliando junto do seu professor (a) uma aprendizagem significativa, com trocas da realidade local, é algo mágico, encantador, seria a busca idealizada por muitos profissionais trabalhar a ação de incentivar, auxiliar o (a) aluno(a) a se envolver e desenvolver dentro da escola. (Gadotti, 2011). Numa perspectiva atual, ainda vivemos na realidade capitalista, às vezes opressora, desigual, onde algumas escolas públicas mediante a tantos entraves, como falta de professores, evasão de alunos, repetências, acaba se esvaindo o brilho do ato de educar, aprender, ensinar. Alguns professores se acomodam na educação tradicional, bancária, devido à falta de diálogo dentro da escola com seus colegas, sem buscarem soluções como no caso: *formação de professores, criação de projetos*, enfim, o reflexo disto são alunos após o término da educação básica, enfrentando o mercado de trabalho, sem muitas perspectivas, sem terem o olhar de cidadãos críticos e autônomos de sua própria vida e ideais.

Conforme afirma Gadotti,

“Acredito que a mercantilização da educação (a educação como mercadoria, como negócio) é um dos desafios humanos mais decisivos da história atual. Só a educação poderá construir outra lógica, através da formação da consciência crítica, da educação cidadã contra a educação consumista, da luta incessante entre alienação e desalienação, entre conscientização e domesticação. Mas não basta afirmar que outro mundo é possível. É preciso mostrar como” (Gadotti, 2008, p.93).

Outro mundo educacional só seria possível através de um maior entendimento, diálogo entre os profissionais da educação, através da crítica construtiva para a melhoria no ensino. A maneira como as escolas trabalham suas práticas pedagógicas, formação de professores, é algo de extrema importância para que a educação não se torne mercantil, e sim um ato de amor, coragem, desenvoltura de criar o novo através do antigo, pois a busca por um mundo melhor começa pelo individual.

Conclusão

A educação ao longo dos anos vem por constantes transformações, na tentativa de melhorar a qualidade do ensino público brasileiro. O desafio de trabalhar de uma forma dinâmica e criativa é algo desacreditado por alguns profissionais da educação, mas mesmo assim a luta pela qualidade, conquista, de uma aprendizagem significativa aos alunos, leva a acreditar que a educação brasileira no seu tempo está caminhando para melhorias educacionais.

Conforme o que os autores deste artigo acreditam, espera-se que a formação continuada dos professores junto às escolas, através de leituras, projetos, diálogos produza na comunidade escolar a vontade de jamais desistir de um sonho que é melhorar a situação que se encontra a educação no Brasil.

Uma educação reflexiva, crítica, transformadora, tendo como ferramenta primordial o diálogo, abre caminhos para reflexões no âmbito escolar. Educadores Freirianos buscam não só dialogar como também trabalhar com um ensino crítico dando autonomia ao seu aluno, tendo como referência, parafraseando Freire, “Quem ensina aprende ao ensinar. E quem aprende ensina ao aprender”. Não podemos deixar a arte de trabalhar com a educação, esmorecer, a conquista está nos atos e atitudes dos profissionais da educação junto das escolas, em desenvolver o espírito crítico no aluno brasileiro, levando a crer na esperança de tempos melhores que estão por vir.

Referências

BRANDÃO, C. Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

BRANDÃO, C. Rodrigues. **Educação Popular na Escola Cidadã**. Vozes, Petrópolis, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 23. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 49º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho! Ensinar-e-aprender com sentido**. São Paulo: Ed. e livraria Instituto Paulo Freire, 2008.

GADOTTI, Moacir. **Histórias das ideias pedagógicas**. São Paulo: Cortez, 1995.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 24ª ed. São Paulo: Cortez, 1991.